O PRONOME *ON* NA TRADUÇÃO DO CONTO "L'AVEUGLE", DE MAUPASSANT:
OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS SUB-FRÁSTICOS DEVEM SER AINDA CONSIDERADOS?

Ofir Bergemann de Aguiar*

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo demonstrar que os estudos lingüísticos sub-frásticos são ainda relevantes para o processo tradutório e para as análises de tradução. São examinadas as diferentes traduções do pronome *on*, propostas por Temístocles Linhares, na sua tradução para o português do conto "L'aveugle", de Maupassant, tendo como base o texto "O pronome *on* do francês – problemas de tradução", de Rosa Maria Mesquita Martins de Sá.

UNITERMOS: Tradução; pronome *on*; abordagem lingüística; Maupassant.

RÉSUMÉ: Le but de cet article est de montrer que les études linguistiques subphrastiques sont encore significatives à l'activité traduisante ainsi qu'aux analyses de traduction. On y examine les différentes traductions du pronom "on", proposées par Temístocles Linhares, dans sa traduction en portugais du conte "L'aveugle", de Maupassant, ayant pour fondement l'étude "O pronome on do francês – problemas de tradução", de Rosa Maria Mesquita Martins de Sá.

MOTS-CLÉS: traduction; pronom "on"; approche linguistique; Maupassant.

* Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

Introdução

As reflexões pós-estruturalistas desenvolvidas na segunda metade do século XX, sobretudo por Roland Barthes, Michel Foucault e Jacques Derrida, como é sabido, propiciaram uma revolução nos estudos da tradução, que resultou na valorização da função do tradutor, agora considerado "um produtor de significados e, portanto, de conhecimentos que se consagram através das convenções que disciplinam os homens em grupos sociais" (Arrojo, 1992a, p. 54), no lugar de um simples operador mecânico a quem cabe a tarefa de transportar ou transferir "significados estáveis de uma língua para outra" (Arrojo, 1986), conforme se deduzia da concepção tradicional e logocêntrica da linguagem e da realidade. Barthes teve papel relevante nessa alteração de visão, ao estabelecer, no âmbito dos estudos literários, o destronamento (ou morte) do autor, afirmando que o texto é criado em cada leitura e que nenhuma autoria poderia ser reivindicada (apud Koskinen, 1994, p. 448) – argumentação que é reforçada quando o crítico francês alega a impossibilidade de se atingir a origem de qualquer texto:

> Todo texto, constituindo o intertexto de um outro texto, pertence ao intertextual, que não deve ser confundido com a origem do texto: buscar as "fontes de" e a "influência sobre" uma obra é satisfazer o mito de filiação. (Barthes, 1980, p. 77, tradução minha)

Foucault segue a mesma linha de pensamento, sustentando ser o autor uma função do texto, que determina a maneira pela qual o discurso deve ser recebido:

> [...] o nome de um autor [...] desempenha um certo papel no discurso narrativo, assegurando uma função classificatória. Tal nome permite agrupar um certo número de textos, defini-los, diferenciá-los de outros e contrastá-los com outros. Ademais, estabelece uma relação entre os textos. (Foucault, 1980, p. 147, tradução minha)

Foi Derrida, todavia, o maior responsável por essa nova concepção do tradutor, ao explorar o *insight* saussuriano do princípio da diferença e da arbitrariedade que constitui o processo de significação, demonstrando que "não há saída possível do labirinto inescapável de signos que se referem sempre e tão-somente a outros signos, num processo de adiamento infinito que proíbe qualquer encontro com uma suposta presença externa a esse labirinto", como esclarece Arrojo (1993, p. 74). Ressalte-se, ainda, que o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) abrira os caminhos para tais reflexões, desmistificando "qualquer pretensão de descoberta de 'verdades' ou conhecimentos que transcendam a perspectiva e o contexto em que ocorre", afirmando ser a busca de conhecimentos e de verdades "apenas um sintoma do 'impulso à formação de metáforas' que distingue os humanos das outras espécies animais" (Arrojo, 1992b, p. 421).

Como conseqüência dessas discussões, os estudos da tradução passaram, cada vez mais, a aproximar-se dos estudos culturais, enfatizando elementos extratextuais antes negligenciados e conferindo às análises e teorizações uma forte dimensão política, caracterizada pela busca das relações de poder implícitas no processo tradutório (Baker, 1999). Com isso, a abordagem lingüística da tradução começou a ser desprestigiada, conforme aponta Mona Baker (1999, p. 15):

> Nos dias de hoje, esses últimos [modelos derivados da Lingüística] chegam a receber o rótulo pejorativo de modelos "cientificistas"; além disso, pressupõe-se que ainda estejam atrelados a noções ingênuas de equivalência e que considerem o texto como a unidade máxima de análise.

Neste trabalho, em que é feito cotejo entre o conto "L'aveugle", de Guy de Maupassant, e sua versão para o português, realizada por Temístocles Linhares, com enfoque na tradução do pronome *on*, busca-se demonstrar que os estudos lingüísticos, mesmo os sincrônicos e restritos ao nível da palavra, são ainda relevantes para a área da tradução, confirmando o que sustenta Aubert em seu artigo "Modalidades de tradução: teoria e resultados":

> [...] a despeito da relevância, para não dizer da urgência de se empreenderem investigações adequadas em todas as questões textuais e extratextuais referentes à linguagem em geral e à tradução em particular, ainda há escopo mais do que suficiente para justificar uma observação mais detalhada dos mecanismos lingüísticos frásticos e subfrásticos que se manifestam em todo e qualquer ato tradutório. (Aubert, 1998, p. 100)

Importa assinalar que mesmo Rosemary Arrojo, maior divulgadora da vertente desconstrutivista da tradução no Brasil, reconhece a importância desses estudos, vendo o acesso a eles como parte do processo tradutório, como se depreende da citação abaixo em que a autora se refere à tradução de manuais de computação:

> É óbvio que, em algum momento durante esse processo, o tradutor estará elaborando, ou consultando, formal ou informalmente, uma lista bilíngüe de palavras mas, a rigor, essa lista se aplica apenas a esse momento e a esse lugar únicos de cotejo entre duas línguas e duas comunidades diferentes. Ou seja, essa lista é necessariamente parte de um processo e não poderá servir como uma chave mágica que dará acesso a todos os manuais de computação escritos numa determinada língua, ou que resolverá todas as traduções desses manuais, independentemente da época ou do lugar da tradução ou, ainda, de seus objetivos (Arrojo, 1988, p. 31).

Pode-se deduzir que Maria Paula Frota, que estuda a tradução do prisma da Psicanálise, apontando a inseparabilidade do objeto e do sujeito (não aquele que exerce total mestria sobre a língua, mas aquele assujeitado a uma ordem inconsciente), também compartilha dessa opinião, quando observa:

> [...] trazer à reflexão sobre a língua a ordem inconsciente e o aconceito de alíngua não significa negar a circulação provisória de sentidos imaginários relacionados a formações sociais historicamente constituídas [...]. Sem estabilidade

> alguma, ainda que enquanto saber imaginário, como justificar o efeito de ruptura? Trata-se de misturá-los, de trazer para a língua "o registro que a consagra ao equívoco", como lemos em Milner [...]. (Frota, 2000, p. 70)

A demonstração da importância dos estudos lingüísticos sub-frásticos será feita, neste trabalho, com base no texto de Rosa Maria Mesquita Martins de Sá (1990), intitulado "O pronome *on* do francês – problemas de tradução", fruto de sua dissertação de mestrado *Estudo contrastivo do sistema de pronomes pessoais em português e francês*, defendida na Universidade de Paris III Sorbone, em que a autora propõe possibilidades de tradução do pronome em pauta. Aponta-se como todas as traduções escolhidas por Temístocles Linhares estão previstas na exposição de Martins de Sá ou podem ser explicadas por meio dela.

O pronome *on* e as traduções propostas por Linhares

No francês antigo, *on* (ou as formas diversas, com ou sem artigo, *om, on, en, lon, len*) classificava-se como substantivo, significando *homme* (homem) ou *les hommes* (os homens). Daí, em alguns casos, para efeitos harmônicos, ter sido preservado o artigo definido *l'*, quando o antecede uma vogal, a fim de se evitar um hiato ou um cacófato, como se dá em: *si l'on, ou l'on, que l'on* etc. *L'on*, entretanto, só é empregado na língua escrita, sendo considerado um substituto elegante de *on*, conforme ilustra a seguinte frase de Vigny: *Si l'on savait ce bonheur que j'ai.* Muitas vezes, todavia, *l'on* é adotado sem qualquer razão de eufonia, como se observa neste segmento extraído de Gide, em que *l'on* aparece no início da frase: *L'on comprend que lorsqu'il se tait, c'est pour penser.* Ressalte-se, ainda, que se evita usar *l'on* depois de *dont*, em virtude da repetição fônica (Grevisse, 1975, p. 555, 557-8; Chevalier et al., 1987, p. 229).

O substantivo *on*, porém, pouco a pouco, passou a adquirir um sentido indeterminado, sendo, hoje, classificado como pronome indefinido, da terceira pessoa do singular, masculino, empregado exclusivamente como sujeito. Dubois e Jouannon (1989,

p. 129) assim o qualificam, assinalando que *on* designa um homem ou os homens de maneira imprecisa, como em *On entendait courir dans la rue*. Esclarecem os autores que, na língua falada ou na língua literária, para demonstrar afetividade, *on* pode substituir os pronomes pessoais *il, elle, nous, vous, ils, elles, je* e *tu*. Fornecem, como exemplo, a frase *On est parti joyeux en promenade, mais l'orage nous a surpris*, em que *on est parti* corresponderia a *nous sommes partis*.

Já a *Grammaire Larousse du français contemporain* (Chevalier et al., 1987) insere *on* no quadro dos pronomes pessoais apresentado na página 228, dentro dos casos particulares, ao lado de *se* e *soi* – sendo que somente *on* teria a função de sujeito. Este pronome designa a primeira pessoa – a que fala ou escreve, ou esta associada a outras, no caso do plural (p. 229). É empregado, na maioria das vezes, na língua comum, no lugar de *nous* (p. 230). Refere-se, igualmente, à segunda pessoa – a quem se fala –, conferindo um tom familiar e irônico ao discurso, ou, ainda, à terceira pessoa – uma pessoa determinada ou um conjunto indeterminado – (p. 230). Esclarecem seus autores, em observação no final de página:

> Quanto ao pronome *on*, certos gramáticos, pensando na sua significação imprecisa, colocam-no entre os indefinidos. Mas o exame de seu comportamento gramatical convida a considerá-lo mais como um pronome pessoal: é o que foi feito nesta obra [...]. (Chevalier, 1987, p. 265, tradução minha)

Ressalte-se que Grevisse, apesar de tratar desse pronome ao discutir os indefinidos, em nota, observa:

> [...] o que é perfeitamente admissível [...] é que *on*, pronome "camaleão" (como o chama Jacques Cellard), apto a substituir qualquer pronome pessoal, ocupe seu lugar na série dos pronomes pessoais tão bem e melhor que na dos pronomes "indefinidos" (Grevisse, 1975, p. 555, tradução minha).

O autor acrescenta que *on* designa, às vezes, uma ou várias pessoas determinadas no discurso, tendo o valor, por silepse de pessoa, de um dos pronomes pessoais – *je, tu, nous, vous, il(s), elle(s)* –, propiciando um efeito de modéstia, discrição, ironia, desprezo, orgulho ou reprovação. Apresenta, como exemplo, *Vous [...] ne méritez pas l'amour qu'on a pour vous*, frase de Molière, em que *on* substitui *je*.

Na língua portuguesa, não há um pronome correspondente ao *on* francês, o que faz desse vocábulo um "problema de tradução", quando estão em causa esses dois idiomas. Ora ele é traduzido pelo verbo na primeira pessoa do plural, ora na terceira, entre outras opções, conforme se comprova abaixo, ao se observar a relação das 15 ocorrências do pronome em pauta presentes no conto em estudo (Maupassant, 1988, grifos meus) com sua respectiva tradução (Maupassant, 1956, grifos meus):

1ª) *Et il nous vient des envies de danser, des envies de courir, des envies de chanter, une légèreté heureuse de la pensée, une sorte de tendresse élargie, **on** voudrait embrasser le soleil* (p. 366).	E desejos de dançar nos chegam, desejos de correr, desejos de cantar, uma leveza feliz de pensamento, uma espécie de ternura dilatada; **desejaríamos** abraçar o sol (p. 27).
2ª) *J'ai connu un de ces hommes dont la vie fut un des plus cruels martyres qu'**on** puisse rêver!* (p. 366).	Conheci um desses homens cuja vida foi um dos mais cruéis martírios que **é possível** imaginar (p. 27).
3ª) *Tant que le père et la mère vécurent, **on** eut à peu près soin de lui* [...] (p. 366).	Enquanto pai e mãe viveram, **tiveram** com ele algum cuidado [...] (p. 27).
4ª), 5ª) e 6ª) *A chaque repas, **on** lui reprochait la nourriture. **on** l'appelait fainéant, manant; et bien que son beau-frère se fût emparé de sa part d'héritage, **on** lui donnait à regret la soupe, juste assez pour qu'il ne mourût point* (p. 366).	A cada refeição, **exprobavam**-lhe o alimento; **chamavam**-no vadio, grosseiro; e se bem que o cunhado se tivesse apossado de sua parte na herança, **davam**-lhe a sopa com dor na alma, o bastante para que não morresse (p. 28).
7ª) [...] *et il demerait impassible sous l'injure, tellement enfermé en lui-*	[...] e permanecia impassível às injúrias, de tal modo fechado em si mes-

*même qu'**on** ignorait s'il la sentait* (p. 366).	mo que **ignoravam** se as sentia (p. 28).
8ª) ***On** imagina toutes les farces cruelles que sa cécité put inspirer* (p. 367).	**Imaginaram** todas as farsas cruéis que a sua cegueira pudesse inspirar (p. 28).
9ª) *Et, pour se payer de ce qu'il mangeait, **on** fit de ses repas des heures de plaisir pour les voisins et de supplice pour l'impotent* (p. 367).	E para se cobrarem do que ele comia, **fizeram** de suas refeições horas de prazer para os vizinhos e de suplício para o impotente (p. 28).
10ª) *Les paysans de maisons prochaines s'en venaient à ce divertissement; **on** se le disait de porte en porte, et la cuisine de la ferme se trouvait pleine chaque jour* (p. 367).	Os camponeses das casas próximas acudiam ao divertimento; **eram avisados** de porta em porta, e diariamente a cozinha da granja se enchia (p. 29).
11ª) *Tantôt **on** posait sur la table, devant son assiette où il commençait à puiser le bouillon, quelque chat ou quelque chien* (p. 367).	Umas vezes **colocavam** na mesa, diante do prato em que ele começava a tomar seu caldo, algum gato ou algum cachorro (p. 29).
12ª) *Tantôt **on** lui faisait mâcher des bouchons, du bois, des feuilles ou même des ordures, qu'il ne pouvait distinguer* (p. 367).	Outras vezes, **faziam**-no mastigar rolhas, pedaços de pau, folhas ou até imundíceis que não podia distinguir (p. 29).
13ª) *Puis, **on** se lassa même des plaisanteries* [...] (p. 367).	Depois, **chegaram** a cansar das brincadeiras [...] (p. 29).
14ª) *Enfin, **on** le contraignit à mendier* (p. 367).	Enfim, **obrigaram**-no a mendigar (p. 29).
15ª) ***On** le postait sur les routes les jours de marché, et, dès qu'il entendait un bruit de pas ou le roulement d'une voiture, il tendait son chapeau en balbutiant: "La charité, s'il vous plaît"* (p. 367).	**Postavam**-no à beira dos caminhos, nos dias de feira e, logo que ouvia um ruído de passos ou um rodar de carro, estendia o chapéu, balbuciando: "Uma esmola, por favor" (p. 29-30).

Análise das traduções

Percebe-se que, das 15 ocorrências, em 12 o tradutor optou pelo emprego do verbo na terceira pessoa do plural, sem sujeito expresso: "tiveram", "exprobavam", "chamavam", "davam", "ignoravam", "imaginaram, "fizeram", "colocavam", "faziam", "chegaram", "obrigaram" e "postavam". Trata-se do caso 1.2b discutido por Martins de Sá em seu estudo, anteriormente mencionado:

> 1. A tradução de "ON" em Português
> São várias as possibilidades de tradução dependendo do valor de "ON" no discurso.
> [...]
> 1.2. O emprego de "ON" representando uma ou várias pessoas determinadas no discurso: "je"(eu), "tu" (tu), "il" (ele), "nous" (nós), "vous" (vós), "ils" (eles).
> [...]
> b) "ON" substituindo "nous", "il", "ils".
> O emprego do pronome "ON" invadiu a língua falada apagando cada vez mais o emprego de "nous".
> No exemplo abaixo "ON" designa: "nous" (nós), "ils" (eles), "nous" e "ils" = "tous" (todos).
> – "Dès qu'**on** est entrés, avec Antoine, **on** s'est bien aperçus qu'**on** ne nous attendait pas! Pourtant ils étaient tous là, les autres: Kinési, psychos, orienteurs, infirmières... **On** était tous gênés!" [...].
> Tradução: "Logo que (nós) entramos, com Antônio, (nós) percebemos que (eles) não nos esperavam! Entretanto eles estavam todos lá: Fisioterapeutas, psicólogos, orientadores, e enfermeiras... (Todos) nós ficamos constrangidos!".
> (Martins de Sá, 1990, p. 27-9).

Observe-se que, no exemplo da autora, a oração *on ne nous attendait pas!* foi traduzida por "(eles) não nos esperavam!" (forma verbal na terceira pessoal do plural correspondendo a *on*). No segmento, *on* substitui *ils* (fisioterapeutas, psicólogos, orientadores, enfermeiras, enfim, todos). No conto de Maupassant, *on* também refere-se a *ils*, remetendo a *tout le monde dans la ferme*

(todo mundo na granja), conforme se depreende da seguinte passagem do texto, que antecede o fragmento, relacionado acima, iniciado por *A chaque repas, on lui reprochait la nourriture [...]*:

Recueilli par une soeur, ***tout le monde dans la ferme*** *le traitait comme un gueux qui mange le pain des autres* (Maupassant, 1988, p. 366, grifos meus).	Recolhido por uma irmã, **todo mundo na granja** o tratava por um miserável que come o pão dos outros (Maupassant, 1956, p. 28, grifos meus).

Nesse momento, o narrador conta a história do protagonista e detalha as ações das pessoas que o rodeavam. Trata-se de um camponês, cego (daí o título da obra), filho de um fazendeiro normando. Lembramos que uma das maiores preocupações do autor francês em estudo consiste na exploração das anormalidades físicas e psicológicas, bem ao gosto do naturalismo, movimento ao qual ele se enquadra, reagindo, entretanto, a seus excessos, como esclarecem Lagarde e Michard:

> O naturalismo foi definido por Zola. Sob a influência de Claude Bernard e de Taine, procura aplicar ao estudo das realidades humanas o método das ciências experimentais. [...] e se consagra sobretudo a pintar os meios populares e mesmo a ralé. Em redor de Zola, os discípulos que ele reunia na sua casa de campo de Médan [...] constituem o *grupo naturalista* [...]. Mas os mais notáveis dentre eles de afastaram dessa doutrina estreita e de suas pretensões científicas: na obra de Maupassant, o naturalismo não é mais que a observação da realidade até nos seus mais humildes detalhes. (Lagarde; Michard, 1968, p. 455, tradução minha)

Adiante, os autores acrescentam:

> Mais que à trama de suas narrativas (histórias de caçadas, relatos licenciosos, farsas camponesas, acontecimentos parisienses) o interesse de seus contos está ligado à pintura verdadeira dos ambientes, dos costumes, dos tipos mais diversos, seja do mundo rústico [...] dos burgueses ou dos

empregados. (Lagarde; Michard, 1968, p. 493, tradução minha)

Conforme sustenta Oliveira (1999, p. 12-3), "[a]o lermos [...] os contos de Maupassant [...] percebemos a importância do anormal, do defeituoso, do mutilado físico ou emocional, enfim, do grotesco [...] e a recorrência de finais deprimentes e chocantes". O autor, discípulo de Schopenhauer, tem uma visão pessimista da vida e das pessoas e "pinta um mundo infeliz, doente, limitado, absurdo; as personagens de seus contos evoluem dentro de um universo vazio e privado de sentido" (Oliveira, 1999, p. 21-2b).

Tudo isso pode ser observado pela leitura de "L'aveugle" ("O cego"), como comprovam os segmentos selecionados, acima transcritos, em que consta o vocábulo *on*. Significativo é o fato de os personagens não serem denominados, sendo referidos por "um camponês", "um fazendeiro normando", "uma irmã", "o cego", "o cunhado" etc., o que implica a generalização dos sentimentos e dos atos discorridos, sua extensão a todos aqueles que vivenciam uma situação similar, e revela, por parte de Maupassant, sua falta de confiança no ser humano.

Quanto a isso, o emprego do pronome indefinido em estudo encaixa-se à perfeição, por seu sentido indeterminado, impreciso, referindo-se às pessoas em geral e não a uma em particular. Esse mesmo efeito de indeterminação é produzido, na língua portuguesa, pelo uso da forma verbal na terceira pessoa do plural, sem sujeito expresso, opção escolhida por Linhares, para tradução dessas ocorrências do *on*, e prevista no esquema referente às possibilidades de tradução do pronome, elaborado por Martins de Sá.

Na tradução da primeira ocorrência de *on*, verifica-se que foi utilizado o verbo conjugado na primeira pessoa do plural: "desejaríamos", tendo sido omitido o sujeito "nós". Trata-se, também, do caso 1.2b, acima transcrito, com a diferença de que *on*, aqui, substitui *nous*. No entanto, pode-se notar que as pessoas são igualmente determinadas no discurso. Destaque-se que a presença do pronome complemento *nous* (nos) no início do período, em *il nous vient des envies de danser* (desejos de dançar nos chegam), já antecipa a opção por essa conjugação.

Nesse fragmento, o narrador ainda não começou a contar a história do cego e expressa suas reações à contemplação do sol nascente. A esse respeito, é oportuno assinalar que, nos contos de Maupassant, "[há] sempre uma personagem (ou o próprio narrador) que se propõe a 'dizer', 'contar', 'narrar'" (Oliveira, 1999, p. 22), o que se evidencia, no texto em análise, no seguinte trecho, que introduz a história relatada pelo narrador:

J'ai connu un de ces hommes dont la vie fut un des plus cruels martyres qu'on puisse rêver! C'était un paysan, le fils d'un fermier normand.[...] (Maupassant, 1988, p. 366).	Conheci um desses homens cuja vida foi um dos mais cruéis martírios que é possível imaginar. Era um camponês, filho de um granjeiro normando. [...] (Maupassant, 1956, p. 27).

Na passagem em análise – *on voudrait embrasser le soleil* (desejaríamos abraçar o sol) –, *on* refere-se às pessoas em geral, incluindo o narrador. Cabe ressaltar que o emprego do pronome complemento *nous* (nos), em casos semelhantes a esses, é explicitado por Grevisse:

> Se for preciso exprimir um pronome pessoal complemento que remeta a *on* (ou ainda a uma coletividade ou a uma individualidade indeterminada, cuja idéia é sugerida pelo sentido geral da frase), empregam-se **nous (quando o locutor se inclui na coletividade: outros + eu)**, vous (quando o locutor se apaga e não se inclui na coletividade); no regime reflexivo usa-se se ou soi [...] (Grevisse, 1975, p. 556, tradução e grifos meus).

Constata-se a escolha do verbo na voz passiva, "eram avisados", na décima ocorrência, o que nos remete ao caso 1.1d, do esquema de Martins de Sá, embora o texto francês traga o segmento na ativa:

> 1.1. Nos casos em que há indeterminação do sujeito "ON" pode ser traduzido por uma "forma verbal na 3ª pessoa do plural" ou pelo pronome "se" a saber:
> [...]

d) Quando na voz passiva se omite o **agente da passiva** emprega-se "ON" na ativa:
"ON a détruit toute la maison"
(= Toute la maison a été détruite)
Tradução: Destruíram toda a casa.
(verbo transitivo na 3ª pessoa do plural)
Em alguns casos é possível a tradução pelo pronome apassivador "se" com o verbo transitivo na 3ª pessoa. É a voz passiva pronominal que "cala o agente".
Ex.: Destruiu-se toda a casa.
Observação: vale lembrar que, neste caso, não existe, do ponto de vista sintático-semântico, uma relação de equivalência entre a construção francesa e a portuguesa, visto que em Francês existe a marca formal do sujeito, ou seja, "ON", o que não acontece na construção em Português. [...] (Martins de Sá, 1990, p. 27-28).

As propostas da autora, portanto, são a adoção do verbo transitivo na terceira pessoa do plural ou do pronome apassivador "se" com o verbo transitivo na terceira pessoa do singular, e não da voz passiva. No entanto, esta opção aparece implícita no seu texto em: "Quando na voz passiva se omite o agente da passiva emprega-se 'ON' na ativa", sugerindo que a voz passiva pode substituir o pronome em pauta.

On, no trecho em análise, não se refere somente a *tout le monde dans la ferme* (todo mundo na granja), como nos casos anteriormente examinados. A notícia sobre o "divertimento" – as maldades infligidas ao cego – se espalhava de boca em boca, chegando aos camponeses das vizinhanças, não sendo possível precisar quem a divulgava. Trata-se, portanto, de um exemplo de indeterminação do sujeito *on* no discurso. A esse respeito, é interessante observar que a escolha de Linhares, pela voz passiva, em detrimento do verbo na terceira pessoa do plural feita nos segmentos já discutidos, destaca a diferença entre este caso e os demais – indeterminação *vs* determinação de *on* no discurso –, o que não ocorre no texto em francês.

Opção diversa das trazidas por Martins de Sá aparece na tradução da segunda ocorrência de *on*: *qu'on puisse* é vertido por

"que é possível", em que a idéia de possibilidade expressa pelo verbo em francês é transposta para o adjetivo em português, o que configura a modalidade de tradução denominada "transposição", por Aubert (1998), uma vez que ocorre uma alteração de classe gramatical. Percebe-se que, no texto traduzido, não há a marca formal do sujeito, como acontece em francês com o emprego do *on*. A função do sujeito, naquele, é exercida pela oração substantiva reduzida "imaginar ...", que completa a oração constituída do verbo de ligação com seu predicativo. Nota-se, todavia, que, em ambos os textos, emite-se uma opinião geral – o que nos remete ao caso 1.1c, do esquema de Martins de Sá:

> c) "ON" representa "les gens" (as pessoas), "l'opinion" no sentido genérico.
> "C'est ce que l'on pense".
> Tradução: É o que **se** pensa.
> (pronome indeterminador do sujeito "se" com o verbo na 3ª pessoa do singular).
> "ON ne parlait plus de lui au petit village".
> Tradução: Não **se** falava mais dele no vilarejo.
> (pronome "se" + verbo na 3ª pessoa do singular).
> (Martins de Sá, 1990, p. 27-8).

Qu'on puisse, portanto, poderia também ser traduzido por "que se possa", empregando-se o pronome indeterminador do sujeito "se", com o verbo na terceira pessoa do singular – opção sugerida por Martins de Sá que Temístocles Linhares preferiu evitar, adotando a modalidade da transposição. Observa-se, contudo, que, com base no trabalho da autora, pôde-se mais facilmente interpretar o valor de *on* no texto francês e analisar sua tradução em português.

Mais uma vez, nota-se que Maupassant prefere a generalização, a indeterminação, em vez da individualização, da precisão. O fragmento em pauta reforça o que foi mencionado anteriormente sobre as características de sua obra e o que acrescenta Oliveira (1999, p. 23) sobre ela: "Pela observação que faz do cotidiano, o contista francês se preocupa, sobretudo, em ressaltar a infelicidade e a solidão, onde se revela o absurdo da condição humana".

Por fim, é oportuno salientar que, em nenhum momento, o tradutor empregou "a gente" como correspondente de *on*, solução prevista por Martins de Sá:

> 1.3. Os casos em que "ON" pode ser traduzido por "a gente".
> a) "ON" substituindo "nous" pode ser traduzido por "a gente".
> Por exemplo:
> [...]
> "**ON** allait s'asseoir sur le mur de la gare juste devant le jardin de l'usine".
> Tradução: "**A gente** ia sentar no muro da estação bem defronte ao jardim da fábrica".
> b) "ON" substituindo "je" (eu) pode ser traduzido por "a gente".
> "**ON** fait ce que l'on peut!"
> Tradução: **A gente** faz o que pode!
> (Martins de Sá, 1990, p. 29-30)

A autora esclarece, ainda, que a preferência pelo *on* ou por "a gente" se explica pela simplificação da conjugação na terceira pessoa do singular. Ressalta que "o emprego de 'ON' se disseminou na língua falada – estilo familiar ou em textos literários que a reproduzem da mesma forma que 'a gente'. Acrescenta, também, que "há uma preocupação do locutor de permanecer em segundo plano, por modéstia ou outra razão qualquer", quando se utiliza "ON" ou "a gente" (Martins de Sá, 1990, p. 29-30).

On, entretanto, como prova o conto em estudo, é observado em textos literários de língua francesa, com uma freqüência muito maior que "a gente", em português – opção que se restringe aos casos em que ocorre a reprodução de fala informal. Pelas 15 ocorrências do pronome acima relacionadas, percebe-se que em nenhum dos casos *on* se insere em fala informal de personagem, o que justificaria sua tradução pelo coloquial "a gente". Trata-se, sempre, da voz do narrador, o que explica a não escolha dessa expressão.

Palavras finais

Do que foi anteriormente exposto, percebe-se que o trabalho de Rosa Maria Mesquita Martins de Sá (1990), um estudo lingüístico sincrônico, restrito ao nível da palavra, apresentou possibilidades de tradução do pronome indefinido *on* que, na maioria das vezes, coincidiram com as escolhas de Temístocles Linhares na sua tradução do conto "L'aveugle", de Maupassant. Nos demais casos, suas discussões serviram para interpretar ou explicar as opções trazidas pelo tradutor, do que se conclui que tais estudos são ainda relevantes para as análises de tradução e, conseqüentemente, para a atividade tradutória e o ensino da tradução. Isso confirma a fala de Aubert (1998, p. 100), já transcrita, sobre a existência de "escopo mais do que suficiente para justificar uma observação mais detalhada dos mecanismos lingüísticos frásticos e sub-frásticos que se manifestam em todo e qualquer ato tradutório".

Por outro lado, este artigo comprovou, igualmente, o que ressalta Arrojo (1988, p. 31), como já assinalado, quanto ao fato de tais estudos constituírem "parte do processo tradutório" e não uma "chave mágica" para a resolução de todos os problemas de tradução. Para que as escolhas do tradutor em relação às propostas de Martins de Sá fossem analisadas, foi necessária uma "leitura" do conto do autor francês e de sua respectiva tradução, assim como de estudos críticos sobre Maupassant, a fim de se "compreender" o contexto em que surgiam as ocorrências de *on* – o que implicou, necessariamente, uma "interpretação" desses textos, que nunca é "neutra" nem "literal", como "qualquer atividade lingüística" e até mesmo "qualquer atividade humana" (Arrojo, 1992a, p. 78).

Como examinado no início deste trabalho, as reflexões que propiciaram uma revolução nos estudos da tradução derrubaram a crença de que "[l]er seria, em última análise, uma atividade que propõe a "proteção" dos significados originalmente depositados no texto por seu autor" (Arrojo, 1993, p. 16). Aceita-se que "o leitor somente poderá estabelecer uma relação com o texto [...], que será sempre mediada por um processo de interpretação, um processo muito mais 'criativo' do que 'conservador', muito

mais 'produtor' do que 'protetor'" (p. 19). Demonstrou-se, entretanto, que esse processo não exclui a consulta, "formal ou informal, de uma lista bilíngüe de palavras" (Arrojo, 1988, p. 31), quando estão em jogo textos escritos em línguas diferentes, pertencentes a comunidades distintas.

Referências bibliográficas

ARROJO, R. (1986) *Oficina de tradução*. São Paulo, Ática.

_____. (1988) O ensino da tradução e seus limites: por uma abordagem menos ilusória. *Trab. Ling. Ap.*, Campinas, v. 11, p. 27-32.

_____. (org.) (1992a) *O signo desconstruído*: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas, Pontes.

_____. (1992b) Tradução. In: JOBIM, J. L. (org.) *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro, Imago, p. 441-2.

_____. (1993) *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago.

AUBERT, F. H. (1998) Modalidades de tradução: teoria e resultados. *TradTerm*, v. 5, n. 1, p. 99-128.

BAKER, M. (1999) Lingüística e Estudos Culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos Estudos da Tradução? Trad. Marcia A. P. Martins e Patricia Broers-Lehmann. In: MARTINS, M. A. P. *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro, Lucerna, p. 15-34.

BARTHES, R. (1980) From work to text. In: HARARI, J. *Textual strategies*: perspectives in post-structuralist criticism. London, Methuen, p. 73-81.

CHEVALIER et al. (1987) *Grammaire Larousse du français contemporain*. Paris, Larousse.

DUBOIS, J.; JOUANNON, G. (1989) *Grammaire et exercices de français*. Paris, Larousse.

FOUCAULT, M. (1980) What is an author? In: HARARI, J. *Textual strategies*: perspectives in post-structuralist criticism. London, Methuen, p. 141-160.

FROTA, M. P. (2000) *A singularidade na escrita tradutora*. Campinas, Pontes.

GREVISSE, M. (1975) *Le bon usage*. Gembloux, J. Duculot.

KOSKINEN, K. (1994) (Mis)translating the untranslatable: the impact of deconstruction and post-structuralism on translation theory. *Meta*, v. 39, n. 3, p. 446-52.

LAGARDE, A.; MICHARD, L. (1968) Maupassant. In: *XIXe siècle*: les grands auteurs français du programme. Paris, Bordas, p. 492-7.

MARTINS DE SÁ, R. M. M. (1990) O pronome *on* do francês - problemas de tradução. *Cadernos de pesquisa do ICHL*, Goiânia, n. 4, p. 26-32.

MAUPASSANT, G. (1956) O cego. In: MILLIET, S. (org.) *Obras de Guy de Maupassant*. São Paulo, Martins, p. 27-31.

_____. (1988) L'aveugle. In: *Contes et nouvelles 1875-1884. Une vie - roman*. Paris, Robert Laffont, p. 366-8.

OLIVEIRA, V. A. L. de (1999) *Maupassant e Lobato*: estruturas paralelas. Tese (Doutorado em Letras). São José do Rio Preto, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista.